

Caetano W. Galindo, *Latim em pó. Um passeio pela formação do nosso português*, São Paulo, Companhia das Letras, 2022, 227 pp.

Guillermo Vidal Fonseca
Universidad de Extremadura
gvidalfonseca@unex.es
orcid.org/0000-0003-3494-3405

Como se formam e evoluem as línguas? No caso concreto do português que duzentos milhões de brasileiros falam, como é que se formou, que elementos e falas influenciaram nele, como evoluiu e deu no que hoje em dia as pessoas falam na rua, no boteco, na mídia? Uma pergunta que a escola responde de jeito muito básico para discentes (*o português procede do latim*) mas que esconde muitos matizes, segredos, curiosidades e certezas que rara vez o povo que usa a língua no dia-a-dia chega a conhecer. *Latim em pó. Um passeio pela formação do nosso português* é uma obra breve, didática, leve e com uma linguagem simples cuja finalidade é, precisamente, veicular esses conhecimentos para o público de além da linguística, universalizando o conhecimento científico dessa disciplina afastando-se do tom acadêmico.

Dividida em 19 capítulos relativamente breves e com títulos breves e intuitivos – e 2 finais com agradecimentos e recomendação de leituras –, a obra repassa cronologicamente todas as circunstâncias que criaram o português hoje falado no Brasil. Para tal, o autor dedica os primeiros a fazer refletir o leitor/a sobre como os humanos falamos e expressamos as coisas, sobre a relação entre falantes de diferentes línguas e o próprio conceito de língua e sobre como a linguística histórica conseguiu decifrar a formação e evolução de línguas emparentadas entre si permitindo-nos saber o que falamos e de onde procede. Nessas páginas, aparecem divulgadas noções básicas da linguística que raramente o utente comum da língua conhece: o entendimento entre humanos de diferentes famílias linguísticas antes da imposição de *línguas internacionais*; a noção política e popular, não científica, da língua; o que isso tem a ver com o fato dos utentes de português brasileiro sentirem dificuldades para compreender português de Portugal ou de outras latitudes; e, ainda mais básico, o fato de como cada *erro linguístico* é o motor básico de mudanças linguísticas e o que permitiu e permite a diversidade de línguas no mundo no presente e através da história. O autor dedica vários trechos a divulgar o que a Linguística acha desses *erros*, assim considerados pela escola e pelo sentir dos falantes, demonizados por professorado de etapas educacionais iniciais por se afastarem de um ideal de língua *correto*. Para tanto, lembra já o *Appendix Probi* no mesmo latim clássico para trasladar que esse fenômeno

sociolinguístico tem milênios de existência e explica a relação entre língua e classe social, usos formais e coloquiais e língua popular e culta. O intuito último é que o leitor deixe de considerar *erros* o que são desvios populares da norma culta, criações do povo sem as quais o português brasileiro, assim como o resto de variedades linguísticas, nunca teria chegado a existir.

O percurso histórico sobre a aparição do português começa com o indo-europeu. De jeito muito pedagógico o autor explica como os pesquisadores deram com essa língua ou tronco de línguas através do estudo das similitudes entre latim, grego, sânscrito e outras línguas clássicas. Ela pode ser considerada o primórdio do que hoje é conhecido como português, mas deixando claro que outras culturas e povos que habitavam diferentes regiões desde antes da existência desse tronco linguístico deixaram também a sua sutil pegada. Em seguida, chega o latim: aquele grupo de variedades indo-europeias foi se dividindo aos poucos, sendo que uma dessas línguas resultantes e que se situava no centro da península Itálica foi a que depois se expandiu com o império romano e se propagou por boa parte da Europa. O autor aproveita aqui para transmitir um ensino que rara vez é conhecido fora do campo da linguística: do mesmo jeito que percebemos diferença entre a língua que brasileiros falam coloquialmente e a que escutam na mídia, no latim existia a mesma diferença, e se chamam latim vulgar e latim clássico. E do mesmo jeito que acostumamos achar errado o que falamos na rua e correto o que fala a mídia, assim acontecia também entre os falantes de latim e aquele latim escrito dos escritores clássicos. Mas a chave é que foi aquele vulgar e menos prestigiado o que evoluiu para outras línguas existentes hoje do mesmo jeito que será o português brasileiro falado pelo povo o que seguirá evoluindo para outras variedades futuras. A introdução desse conceito, ao meu ver, é muito relevante para aproximar ao povo não conhecedor da linguística, leitoras/es do livro, a ideia de desmitificar as variedades prestigiadas e de valorizar e nos orgulhar da língua popular e coloquial que falamos diariamente.

O relato continua com a chegada daquele latim popular ao território da *Gallaecia* histórica. Existiam povos oriundos daquele território antes da invasão romana e cujas variedades linguísticas terminaram sumindo com o triunfo do latim, mas deixando pegada no próprio latim que foi para essa região e moldando-o. Como indica o autor, esse evento é outra das chaves que determina as primeiras diferenças entre o latim moldado que foi sendo adotado por diferentes regiões da Europa e que os acabará separando em diferentes línguas latinas. E é por isso que uma língua latina como o português diz *carvalho* enquanto o espanhol diz *roble*. Quando, mais tarde, o império cai, diferentes povos europeus germânicos, falantes de diferentes variedades

linguísticas, fundam reinos, também no território da antiga *Gallaecia*, e dão mais uma empurrada para a separação das novas variedades latinas.

Interessante é como, nesse ponto, o autor não esquece o galego e a separação política entre a *Gallaecia* do norte e a do sul do rio Minho como outro dos eventos que determinou o rumo do português que, séculos depois, falaria a população brasileira atual. Nesse sentido, Caetano Galindo segue a estela, não muito comum ainda hoje em dia no Brasil, de outros autores (Bagno, Faraco) que puseram a Galiza e o galego no mapa como atores chave no surgimento da língua portuguesa, evitando no repasso histórico categorizações como *português arcaico*, utilizado tradicionalmente no ensino histórico sobre a língua.

Apesar da tradicional linha temporária vertical com que se acostuma explicar o surgimento e desaparecimento de línguas e que também se descreve no livro, o autor tenta matizá-la ao longo de toda a obra salientando a importância dos eventos transversais ou *laterais* na progressiva separação de variedades em outras novas e diferentes. Daí palavras como *fetiche*, que no português era *feitiço*, passou para o francês adaptado foneticamente como *fetiche* e assim voltou para o português com novas propriedades semânticas. Do mesmo jeito é encarada a influência árabe no português, matizando o autor a procedência através de outras línguas ou variedades –não direta– de muitas vozes, para além de incorporações tardias não acontecidas durante a Idade Média europeia. O que implica uma visão diferente para o leitor, talvez acostumado a enxergar o árabe como superestrato do português através do ensino tradicional sobre a língua.

É a partir das datas que acompanham a chegada dos invasores europeus ao Brasil que a situação se torna mais interessante para terminar delimitando o que hoje conhecemos como português brasileiro. A primeira controvérsia tem a ver com a antiguidade do povoamento –e, portanto, das línguas existentes– pré-colombiano no continente sul-americano, ao parecer, segundo recentes indícios, bem mais antigo do que o tradicionalmente atribuído. Um segundo ponto de discussão engloba o surgimento e caracterização das línguas gerais brasileiras: para o autor, longe de se tratar de línguas crioulas, foram línguas indígenas alteradas por um *superestrato* português numa cena sociolinguística em que a língua dos colonizados venceu a dos colonizadores até que a pressão da coroa portuguesa e a nova realidade socioeconômica desde meados do século XVIII fizeram capotar a situação em favor do português. Finalmente, com o papel jogado pelas línguas africanas na caracterização definitiva do português brasileiro, chega uma das frases mais importantes, ao me ver, da obra: "aquela narrativa-padrão segundo a qual não houve conflitos em nossa formação linguística, que dizia que o português se

instalou no Brasil e foi apenas "influenciado" pelas línguas dos povos originários e escravizados já se provou inadequada" (p. 164). Aqui o autor estabelece uma linguagem solidária com os escravizados na época do Brasil colônia que, ao meu ver, resulta útil para se distanciar do discurso eurocêntrico que impregna muitas vezes o relato sobre as influências africanas e indígenas nas línguas europeias que se impuseram no continente americano.

Mas é no capítulo chamado *Pretouguês* (pp. 174-182) e seguintes onde a análise e o ponto de vista mais desprovido de complexos se juntam para explicar por que o português hoje falado no Brasil tomou tanta diferença do europeu. Até o século XV, toda a análise do percurso da formação do português é comum para o atual *brasileiro* e o atual europeu. Depois dessa data começam as divergências já mencionadas, mas esse capítulo encerra talvez –ou, do meu ponto de vista, com certeza– o fato fundamental ou mais relevante daquela diferenciação: a proposta de que o português no Brasil virou *pretouguês* porque os pretos eram maioria da população e como escravizados só foram aprender o idioma de adultos, o que impediria eles atingirem um nível nativo de português, passando para descendentes e outras pessoas esse português carregado de interferências bantas e de outras variedades africanas: daí a conjugação simplificada (*eles fala*) ou a pronúncia apoiada em vogais (*rítimo*), dentre outros muitos traços que hoje continuam sendo comuns no português brasileiro popular e que o afastam do português europeu.

Definitivamente, *Latim em pó* merece ser lida: pela narrativa simples, próxima para qualquer leitor/a; pelo seu tom próximo, às vezes quase próprio da língua oral, dando à linguística um matiz atraente e motivador; pela sua clareza e ordem, fundamentais para analisar o percurso milenário de uma variedade linguística até o dia de hoje; e pelo seu nada disfarçado posicionamento contrário perante preconceitos de classe, raciais e ao mesmo tempo linguísticos, que ainda influenciam todos os dias o jeito de falar das pessoas e que têm influenciado os caminhos da história interna do idioma português durante séculos até hoje. Expondo-os, o autor não apenas faz justiça contra as formas de opressão históricas padecidas por pessoas e comunidades linguísticas, mas persuade também o leitor/a a se orgulhar da variedade de português popular que fala no cotidiano, a não achar erro ou incorreção quase cada palavra ou pronúncia que profere. Na minha opinião, uma tarefa ainda muito pendente de ser feita pela linguística como disciplina em inúmeras línguas do mundo. A obra consegue analisar historicamente a formação do português passo por passo sem esquecer fazer as leitoras/es partícipes orgulhados do processo, o que por si próprio já devemos considerar um sucesso em obras desse tipo.